

CASO EPSTEIN

Ligações poderosas

Fotografias obtidas do espólio de Jeffrey Epstein mostram o criminoso sexual acompanhado de figuras influentes, como o presidente Donald Trump, o antecessor Bill Clinton e o cineasta Woody Allen. Brasileira vítima de magnata fala ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

Democratas do Comitê de Supervisão da Câmara dos Representantes divulgaram uma série de fotos do espólio do pedófilo e traficante sexual Jeffrey Epstein, que teria se suicidado em 10 de agosto de 2019 em uma prisão de Nova York. Nas imagens, o magnata aparece ao lado do atual presidente republicano Donald Trump, do ex-presidente democrata Bill Clinton, do empresário Richard Branson, do cineasta Woody Allen e de Steve Bannon — ex-estrategista-chefe da Casa Branca no governo Trump e ideólogo da extrema-direita. Bill Clinton, fundador da Microsoft, e o ex-príncipe Andrew se destacam em alguns dos registros.

Em uma das imagens, aparecem embalagens de preservativos ilustradas com um sísido Trump e a frase "I'm huuuuge!" ("Eu sou enorme!"). Também há fotos de brinquedos sexuais de Epstein, entre eles um conhecido como quebra-queixo — acompanhado de um aviso: "Nunca deixe o usuário sem supervisão; o dispositivo força a pessoa a produzir mais saliva do que uma mordaça normal" — e uma luta com encaixes para os dedos com texturas diferentes.

A brasileira Marina Lacerda, uma das vítimas de Epstein, disse ao **Correio** que os arquivos do caso podem prejudicar o presidente. "Se Trump não estivesse envolvido, não teria medo de divulgar os documentos. Nós, sobreviventes, somos os arquivos Epstein. Ele

Fotos: Comitê de Supervisão da Câmara dos Representantes/AFP



Trump posa ao lado de seis jovens mulheres não identificadas usando tradicionais colares havaianos



Preservativos do traficante sexual: Trump na embalagem



Epstein com Steve Bannon, ex-estrategista da Casa Branca



O diretor Woody Allen (D) e uma mulher conversam com o magnata

anunciou uma investigação sobre o caso, mas não precisa disso."

Os democratas do Comitê de Supervisão da Câmara destacaram

que "essas imagens perturbadoras levantam ainda mais questões sobre Epstein e suas relações com alguns dos homens mais poderosos

do mundo". A Casa Branca denunciou que os democratas divulgaram fotos "selecionadas" para "tentar criar uma narrativa falsa". "O

"Meu abuso cometido pelo Jeffrey Epstein teve início aos 14 anos. Dos 8 aos 12, eu havia sido abusada pelo meu padrasto. Minha mãe não podia trabalhar. Foi um tempo muito difícil, éramos imigrantes. Uma das meninas, brasileira, conheceu o Jeffrey. Ela me perguntou se eu queria dar uma massagem em um idoso. Disse que eu teria de ficar de sutiã. Achei estranho, mas, como uma menina vulnerável, não pensei que isso se tornaria algo tão diferente.

Ao chegar à mansão dele, essa menina estava lá. No quarto escuro,



tirei a blusa, fiz a massagem e ele me perguntou como eu estava. Fiquei com medo de falar 'não'. Ele pediu que eu tirasse o sutiã. Jeffrey disse que gostou de mim e queria me ver de novo. Eu estava passando por dificuldades e acabei voltando. Os abusos pioraram. Ele me estuprou alguns meses depois e me forçou a levar mulheres lá. Usou o fato de que eu era imigrante e de precisar de dinheiro.

Marina Lacerda, 37 anos, brasileira vítima de Jeffrey Epstein dos 14 aos 17.

engano democrata contra o presidente Trump foi desmentido repetidamente", disse Abigail Jackson, porta-voz da Casa Branca.

Ex-procurador federal para o Distrito Sul de Nova York, Roland Riopelle admitiu que muitas das imagens divulgadas ontem são bastante embarracadas para Trump. "Em particular, a foto dele com as seis jovens mulheres e a ilustração na embalagem das camisinhas — nenhum presidente jamais viu isso assim. Creio que esta seja apenas a primeira de muitas revelações embarracadas relacionadas a Epstein que serão divulgadas ao público nas próximas semanas e meses", disse ao **Correio**.

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Plano dos EUA prevê adesão da Ucrânia à União Europeia

Uma nova versão do plano de paz proposto pelos EUA para encerrar a guerra entre Rússia e Ucrânia contempla a entrada de Kiev na União Europeia (UE) a partir de janeiro de 2027. A informação foi confirmada à agência France-Presse (AFP) por um funcionário de alto escalão familiarizado com o assunto. A adesão à UE era uma das principais condições impostas pelo governo de Volodymyr Zelensky para se alcançar a paz no Leste Europeu. No entanto, os ucranianos ainda precisariam ceder à Rússia os territórios de Donetsk e

Luhansk, na região do Donbass, e a Península da Crimeia, formalmente anexada por Moscou em 2014.

"Está estipulado, mas é uma questão de negociação, e os americanos são favoráveis", disse o funcionário, sob condição do anonimato.

O próprio presidente Zelensky admitiu que "os EUA podem tomar medidas para desbloquear nosso caminho rumo à União Europeia". "Trump dispõe de diversas alavancas de influência e isso terá efeito sobre aqueles que bloqueiam a Ucrânia", observou. A Rússia reagiu com pessimismo.

"Temos a impressão de que esta versão, que está sendo apresentada para debate, vai piorar. Será um processo longo", declarou Yuri Ushakov, assessor de política externa do Kremlin.

Professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla, Olexiy Haran lembrou ao **Correio** que não é competência dos Estados Unidos decidir sobre a adesão ucraniana à União Europeia. "A própria UE forneceu o status de candidato de membro à UE e, agora, estamos negociando esse processo. Esse plano não traz nenhum

ponto que seja decidido pela legislação interna da Ucrânia", criticou. "Não cabe a Zelensky decidir sobre a cessão territorial, pois existe um processo definido pela Constituição. A questão teria que ser estabelecida por um referendo."

Peter Zalmayev, diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), crê que o plano dos EUA é uma iniciativa russa. "A ideia de concessões de territórios controlados pela Ucrânia é uma receita para o caos e o desastre político. Isso teria que ser obtido por meio de um referendo." (Rodrigo Craveiro)

Policia Nacional da Ucrânia/AFP



Destrução na cidade de Kostyantynivka, na região de Donetsk (leste)

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.bsb@gmail.com

Dia D para os laços transatlânticos

Deve ser assinada dentro de uma semana, exatamente, a última versão do acordo comercial entre União Europeia e Mercosul. O palco está em fase final de montagem no Brasil, que exerce a presidência rotativa do bloco regional e sediará o encontro anual dos governantes.

Longe de poder ser considerado por ora a versão definitiva, o texto se apresenta o troféu possível para o Planalto e o Itamaraty. Em particular, para o presidente Lula e o assessor especial Celso Amorim, chanceler nos dois primeiros governos petistas.

Negociado e renegociado por três décadas, o acordo UE-Mercosul tem implicações políticas ececonómicas potenciais sobre ambas as margens do Atlântico. Sobre tudo em uma conjuntura global marcada pelas dores associadas ao parto

de uma ordem global multipolar, a empreiteira ganha ares de um passo decisivo, a exemplo do que foi o desembarque aliado no litoral francês, no desfecho da 2ª Guerra Mundial.

Toma lá...

As incertezas que tingem ainda o cenário espelham o complexo jogo dos interesses envolvidos no processo. Um passo crucial para a assinatura do acordo veio, nos últimos dias, com o aval ao sistema de salvaguardas definido para o setor agrícola. Até então, a França capitaneava as resistências ao acerto, sob pressão máxima dos produtores agrícolas.

Em resumo, ficam definidas condições nas quais o euroágro poderá levantar barreiras à importação de produtos

sul-americanos do setor. No centro das atenções está o conjunto de normas ambientais que regem a atividade no Velho Mundo. Nos termos do texto a ser firmado, condições homólogas deverão ser observadas do lado de cá.

...dá cá

A vez nas reclamações é agora do agro sul-americano, em especial o brasileiro. Enthusiasta de primeira hora do acordo comercial, confiante na própria competitividade, o setor receia que o regime de salvaguardas termine funcionando como uma espécie de "protecionismo verde" —, como chegou a ser etiquetado, e mais de uma vez, pelo próprio Lula.

O agro, louvado há alguns anos como esteio da balança comercial e vanguarda da inserção internacional — ao menos na dimensão econômica —, foi historicamente porta-bandeira do acordo Mercosul-UE. Pode acabar fazendo coro com a indústria, que teme um cenário de terra arrasada na competição com produtos europeus.

No virada para o decisivo ano eleitoral, Celso Amorim e os estrategistas

palacianos se debruçam em fórmulas para equilibrar os interesses externos, por vezes conflitantes, dos diferentes setores da economia.

Placar adverso

No terreno estritamente político, os desdobramentos se projetam contra um pano de fundo claramente desafiador. O segundo turno da eleição presidencial no Chile, amanhã, parecia apontar na direção de uma relação de forças ainda mais adversa para o governo Lula, na vizinhança imediata.

Os dois países não são fronteiriços, e o Chile não integra o Mercosul. Mas, atualmente, tem um dos poucos governos da região algo afinados com a estratégia global do Planalto. Com algumas nuances, Gabriel Boric afiança a integração latino-americana, traço fundamental da política externa brasileira.

Desde a rodada inicial da disputa, vencida pela comunista Jeanette Jara, as pesquisas de opinião captam de forma consistente o favoritismo do direitista José Antonio Kast no tira-teima.

Até tu?

Embora não integre o Mercosul, o Chile cresce de importância no radar. A conquista do Palácio de La Moneda por um herdeiro político da ditadura militar pinheirista estreita as margens de manobra para Lula no âmbito sul-americano.

Depois da vitória obtida este ano na Bolívia, somada à eleição de Javier Milei, na Argentina, a balança regional pende para o campo favorável à Casa Branca de Donald Trump e a sua reedição da Doutrina Monroe. Recém-anunciada, essa estratégia reativa a noção de que as Américas devem ser reserva geopolítica de Washington — nos novos tempos, na difícil disputa com a China pela hegemonia global.

O governo Lula assiste à queda em sequência de governos afins, no entorno, como o proto-imperador romano Júlio César. Conta a história que o então cônsul da República romana, esfaqueado à entrada do Senado pelo enteado, em meio a uma crise política eivada de conspirações, teria perguntado, antes de desvanecer: "Até tu, Brutus?"